



DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTANA NA FASE ADULTA

Ribeiro, Ana Luiza Barcelos. Docente da FAMESC - Unidade de Bom Jesus do Itabapoana. Email: analuizabarcelos32@yahoo.com.br

Lima, Laís Teixeira. Docente da FAMESC - Unidade de Bom Jesus do Itabapoana. Email: laislbj@gmail.com

SOUZA, Lorrane Aparecida Nascimento. Acadêmico do Curso de Enfermagem da Faculdade Metropolitana São Carlos- Unidade de Bom Jesus do Itabapoana. Email: lorraneanascimento@outlook.com

Oliveira, Monike Gumiere. Acadêmico do Curso de Enfermagem da Faculdade Metropolitana São Carlos- Unidade de Bom Jesus do Itabapoana. Email: monikegumire49@gmail.com

Alves, Maria Tereza da Silva. Acadêmico do Curso Farmácia da Faculdade Metropolitana São Carlos- Unidade de Bom Jesus do Itabapoana. Email: mariaterezaalves1927@gmail.com

Ainda existe poucos recursos e conclusões concretas em relação ao diagnóstico tardio de TEA. O TEA é uma desordem do neurodesenvolvimento. Podendo afetar seres humanos de todas as idades, raças, etnias e classes sociais. Em geral, o autismo é marcado por dificuldades nas áreas social e de comunicação, além de comportamentos repetitivos ou estereotipados, normalmente as formas mais graves costuma ser diagnosticados nos primeiros dois anos de vida. O diagnóstico precoce minimiza prejuízos, alguns indivíduos só são diagnosticados na fase adulta e há uma carência de informações voltados à essa faixa etária. O adulto consegue mascarar algumas características ou sintomas principais do TEA, como por exemplo em não ter dificuldades com a interação e socialização. O objetivo é compreender e analisar os fatores existentes que levam ao diagnóstico e quais consequências psicossociais e funcionais geram aos pacientes. Nos últimos anos, o diagnóstico em adultos tem aumentado, não significa que o transtorno tenha aumentado e sim o acesso à informação e a saúde. Os profissionais continuam enfrentando dificuldades ao realizar diagnósticos, principalmente em pacientes personalidade desagregada.

Pesquisas epidemiológicas revelam que o TEA na população adulta é de um por cento observado em relação às crianças. Um diagnóstico tardio frequentemente proporciona mais alívio para as pessoas que viviam suas vidas com questões inexplicáveis. Os pacientes relataram que o diagnóstico formal trouxe sua autoaceitação e compreensão pessoal, além de esclarecer dúvidas que tinham sobre si mesmo. O diagnóstico mostra a existência de pessoas que estavam vivendo na “normalidade”, proporcionando uma forma de alívio à culpa de não corresponder ao padrão social esperado. Por outro lado, traz liberdade de ser autêntico de ser diferente dos outros indivíduos, sem eliminar os traumas e dificuldades que carregam do passado. O tratamento deve ser feito a partir de práticas científicas, e todas as técnicas são derivadas da psicologia comportamental. As intervenções educacionais precisam ser bem estruturadas e personalizadas, elas devem ser conduzidas por educadores qualificados e por familiares que tenham recebido treinamento, pois isso pode potencializar o aprendizado e o desenvolvimento da linguagem. Além disso, outras abordagens terapêuticas não verbais como pintura, e outras atividades podem ser úteis para pessoas com dificuldades no desenvolvimento linguístico, a terapia cognitiva comportamental também são relevantes no tratamento de questões como ansiedade e agressividade. O diagnóstico de TEA passa por muitas questões, e mesmo em países desenvolvidos, ainda é particularmente focado no diagnóstico precoce infantil. É necessário investir mais em pesquisas na área afim de elevar a compreensão sobre o assunto, e que haja uma urgência nas alterações políticas de saúde para que os profissionais da saúde estejam mais capacitados para atender aqueles que passam grande parte das suas vidas sem uma clara definição de sua identidade ou singularidade.

Palavra-chave: diagnóstico, autoaceitação, pesquisa.